Comunicação e Cultura Audiovisual: Cinema e Juventude em Belém nos Anos 1950[1]

Bianca Costa Levy[2]
Mauro Celso Feitosa Maia[3]
Universidade da Amazônia, Belém, PA

RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa que tem se dedicado a analisar a relação entre a juventude de Belém dos anos 1950 com o cinema *hollywoodiano*, com o objetivo de compreender as repercussões que as narrativas cinematográficas da época, que veiculava valores como a ruptura com o tradicional e a busca de um modelo de vida moderno, construíram no imaginário e comportamento destes jovens, observadas dentro do cotidiano e contexto histórico de Belém. Por meio da evocação da memória em depoimentos de entrevistados que foram jovens durante a década de 1950 na cidade de Belém, a pesquisa localiza onde o cinema está inserido nestas lembranças e a importância que este veículo de comunicação exerceu na subjetividade e vida social dos jovens da época.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Cultura Audiovisual; Recepção; Juventude - Belém.

Introdução

> *O narrador toma o que narra da experiência, própria ou relatada. E por sua vez o converte em experiência dos que escutam sua história". (Walter Benjamin).*

A relação entre a juventude (de um lugar particular) e a prática cultural de assistir a filmes do reconhecido gênero denominado cinema *hollywoodiano* já motivou pesquisas na área da Comunicação. Entre essas, há os trabalhos que demostraram de que forma o discurso cinematográfico de determinada época se vinculou a valores e os veiculou, como por exemplo valores de ruptura com as tradicionais formas de convivência social e representação de um modelo de vida pretendidamente moderno.

Entretanto, essa questão ainda hoje instiga trabalhos na área, no esforço de perceber justamente a construção do imaginário e comportamento desta juventude, presente e participante do cotidiano e de um contexto histórico específico. Nesse artigo, apresenta-se parte do estudo sobre a juventude que circulava nas salas de cinema da cidade de Belém, nos anos de 1950. O principal objetivo desta pesquisa é, portanto, a partir do registro de depoimentos de idosos – jovens àquela época, compreender a relação entre a juventude de Belém do período com o veículo comunicacional cinema, mostrando de que maneira a

[1] Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Unama(PA), em 2012.
[3] Orientador do trabalho. Professor no curso de Comunicação Social da Unama(PA), email: mcfeitosamaia@gmail.com

cinematografia *hollywoodiana* foi importante na formação do imaginário, cultura, subjetividade e comportamento destes jovens de antigamente.

O processo de pesquisa, ao recorrer à memória em depoimentos de idosos, remonta com maior riqueza à dimensão histórica da cidade de Belém nos anos 50, traçando um perfil cultural e social da cidade, além da própria relação da juventude da época com este produto cultural e comunicacional que é o cinema.

Revisitar a memória daqueles que foram jovens nos anos 50 torna possível entender esta relação, além de reconstruir um período histórico recente, mas um tanto desconhecido pelos cidadãos de Belém. A pesquisa contou com quatro entrevistados e vasto material adquirido por meio dos próprios relatos deles. Os quatro entrevistados são: Cláudio Barradas, 83; Maria Agostina, 85; Pedro Veriano, 78; e Raimunda Amoras, 74. Todos foram jovens em Belém nos anos 50 e ainda hoje residem nela, e guardam na memória uma relação especial com o cinema *hollywoodiano*.

Cada um à sua maneira acompanhou e vivenciou as transformações econômicas, sociais e comportamentais ocasionadas pelo pós-guerra. São histórias que relatam um pouco mais sobre a própria vida da cidade e a influência que veículos de comunicação como o cinema contribuíram para a formação cultural e comportamental dos jovens.

A conversa das entrevistas se apoiou em ferramentas capazes de colaborar na ativação da memória dos entrevistados, como dois exemplares da revista especializada em cinema Cinelândia, um exemplar de 1954 e outro de 1959, além de vinte pôsteres de filmes *hollywoodianos* que fizeram sucesso na década de 50. Isso nos lembra Renato Ortiz em seu "A Moderna Tradição Brasileira", quando ensinara que personagens, imagens, situações veiculadas pela publicidade, histórias em quadrinhos, televisão, cinema constituem-se em substratos para a memória. Nela se inscrevem, conforme ressaltara, as lembranças de todos. As estrelas de cinema, Greta Garbo, Marilyn Monroe ou Brigitte Bardot, cultuadas nas cinematecas, pôsteres e anúncios, fazem parte de um imaginário coletivo mundial.

Os depoimentos revelam, entre outros aspectos, a que aqui denominamos "Juventude Vesperal". Um primeiro desdobramento desse elemento é antecipado no que se entende por "magia do cinema", cuja reflexão nos leva ao entendimento da influência do cinema na formação da sociedade moderna e à importância deste veículo na difusão de tendências e comportamentos, na formação das culturas e na construção de um imaginário coletivo. São, enfim, a colheita de diferentes olhares que se cruzam e que permitem analisar a relação entre a juventude "cinquentista" e o cinema *hollywoodiano*, refletindo sobre o

papel deste veículo de comunicação na construção de uma geração de jovens, além de registrar os depoimentos de quem foi personagem desta história fora da tela.

O cinema em Belém

Ao contrário do que se possa imaginar, o hábito de assistir a projeções cinematográficas já fazia parte do cotidiano de Belém antes mesmo da Segunda Guerra Mundial e do estreitamento de laços políticos com os Estados Unidos. Em parte, podemos atribuir a chegada da sétima arte à Belém ao Ciclo da Borracha (1870-1910), que com a sua demanda produtiva de exportação de látex para o exterior, além de alavancar a economia e o espaço urbano da cidade, inseriu Belém na rota dos hábitos e avanços cosmopolitas.

Ainda no final do século XIX, Belém era uma das capitais brasileiras que acompanhava os passos da modernidade mundial, desde o ordenamento urbano e industrial à apropriação de tendências culturais e modos de vida em voga na Europa, em especial na França, responsável por formar uma nova elite intelectual na cidade e de multiplicar espaços de interação cultural, a exemplo do Cine Olympia, inaugurado em 1912.

> Em decorrência do *boom* gomífero, Belém assumiu o papel de principal porto de escoamento da produção do látex, além de se tornar vanguarda cultural da região. O processo de urbanização experimentado pela cidade de Belém do Pará, a partir da segunda metade do século XIX, não está assim ligado somente à intensificação da vida industrial, como ocorreu nas cidades europeias e americanas, mas pela função comercial, financeira, política e cultural que desempenhava durante a fase áurea da borracha. (SARGES, 2002, p.135).

Um exemplo do avanço cultural e tecnológico trazido pelo Ciclo da Borracha é a chegada do aparelho de projeção *Vitascope*[4] à Belém, em 29 de dezembro de 1896, no Teatro da Paz. Criado por Thomas Edison, o aparelho foi responsável pelo primeiro contato da elite belenense com a cinematografia ainda nascente, através da exibição de diversas fitas. Neste primeiro momento a carência técnica do aparelho repeliu alguns expectadores. Mas em 1903, com a chegada do aparelho *Biograph*, também da empresa de Edison, a qualidade das projeções melhoraram consideravelmente na cidade.

Foi com o passar dos anos, mais precisamente em 1911, que a exibição de filmes em Belém deu uma importante guinada, proporcionada pelo industrial da borracha Joaquim

[4] O *Vitascope* foi um dos primeiros aparelhos de projeções inventados no Ocidente, financiado por Thomas Edison.

Llopis. O espanhol teve a ideia ousada de investir na cinematografia na Cidade das Mangueiras, usando-a em benefício próprio.

> Llopis era um industrial da borracha. Inteligente ao ponto de acreditar no potencial do invento dos Irmãos Lumière, ou de Thomas Edison, foi buscar em sua terra natal o cinegrafista Ramon de Baños, com a missão de supervisionar a parte técnica das novas casas e filmar um documentário sobre a extração do látex da seringueira e seu beneficiamento até chegar à borracha. Tudo, naturalmente evidenciando a fábrica de Llopis, o que inauguraria na cidade o filme de matéria paga, ou documentário de propaganda. (VERIANO, 1997, p. 15).

Baños aportou em Belém em 1911, e além de realizar o documentário encomendado por Llopis, produziu alguns curtas locais durante um período de dois anos. São eles: "Os sucessos de agosto", "Viagem de Lisboa ao Pará", "O Cyrio", "Inauguração de linha fluvial Belém-Mosqueiro", "Dia de finados em Santa Isabel", "O embarque do eminente Dr. Lauro Sodré", "A moda em chapéus da casa Africana", entre outros. Ele também criou a firma "*The* Pará *Films*" em parceria com o industrial.

Com o mercado relativamente consolidado, foi questão de tempo para inúmeras salas surgirem na cidade. Guarani, Universal, Independência, Rex, Paraíso, Íris, Brasilândia, S. João, Moderno, Popular, Poeira, Palácio, Moderno, Iracema e Olympia, são umas das muitas salas de cinema que invadiram os bairros e o cotidiano da sociedade belenense. Cada uma com suas particularidades e público-alvo, construíram parte da história da relação entre público e cinema.

A magia do cinema

Sob certas condições o processo de modernização da cidade de Belém oferecia aos espectadores de diferentes classes sociais a oportunidade de estar em contato com a sétima arte e a política de relação “amistosa” entre Brasil e Estados Unidos. Foram fundamentais para a interação entre a juventude de Belém dos anos 50 e o cinema hollywoodiano.

Através do cinema, a juventude belenense pode experimentar novas sensações e interagir com estruturas materiais e simbólicas em plena transformação em sociedades modernas distantes e na própria comunidade. Dentre essas transformações ocasionadas no seio da sociedade ocidental, com o fim da Segunda Guerra Mundial, podemos destacar a configuração da juventude como classe social e a ruptura deste grupo com a tradição de então.

Ao perceber esta ruptura, o cinema, que por si só já era um veículo de vanguarda e quebrava paradigmas sociais e estéticos, passou a se apropriar desses sintomas culturais da juventude, criando obras específicas para esta classe social e causando afinidades. "O cinema corresponde a modificações de longo alcance no aparelho perceptivo, modificações hoje vivenciadas na escala de existência privada por qualquer transeunte no tráfego de uma grande urbe" (BENJAMIN, p. 52, apud CANCLINI, 1997, pp. 72-73).

O fluxo com que o cinema hollywoodiano e seus conteúdos culturais chegava nas diferentes cidades foi intenso, sendo o cinema responsável pelo acesso quase que irrestrito à arte e novas concepções culturais, criando um elo entre as várias juventudes e midiatizando os anseios modernos, já que o espaço físico e o cotidiano não comportava este elo com a mesma eficácia. Ao receber matérias que envolvem substancial grau de distanciamento espacial (e também temporal), os indivíduos podem elevar-se acima de seus contextos de vida e, por um momento, perder-se em outro mundo. (THOMPSON, 1998, p. 43).

Neste emaranhado, formado pela ampla transformação da sociedade moderna brasileira e o contato direto com o discurso e sinestesia presentes no cinema *hollywoodiano*, surgiu uma nova identidade social da juventude brasileira e, particularmente, belenense, onde o cinema, ao estreitar relações com a vida cotidiana, serviu como ferramenta para reafirmar a quebra de tradições, além das barreiras geográficas, influenciando substancialmente na construção do imaginário do lugar. As noções de "moderno" ou de "modernidade" incorporaram-se ao imaginário coletivo e ao discurso intelectual no Ocidente, passando a nortear os projetos mais globais para diferentes sociedades e a balizar a ação dos agentes sociais. (BRITO, 2005, p. 5).

As novas possibilidades estéticas, sociais e comportamentais mostradas pelo cinema dos anos 50 fecundaram e contribuíram para a construção do imaginário da juventude da época. Através de temáticas próximas da realidade - ou que faziam alusão a uma realidade possível -, e valendo-se de recursos e técnicas cinematográficas, o cinema *hollywoodiano* alcançou de maneira eficaz o cotidiano da juventude, contribuindo na construção do comportamento e subjetividade dela.

O efeito sinestésico do cinema era um dos fatores, se não o principal fator, de afinidade entre a juventude e o cinema *hollywoodiano*. Nascido na sociedade moderna, o cinema era o meio de comunicação que mais se assemelhava com a própria sociedade, pois trazia em seu âmago uma nova experiência social nascida na modernidade, que é a experiência das sensações. Mais que um simples objeto de consumo e lazer, o cinema e a

prática de ir ao cinema tornaram-se meios onde os jovens se manifestavam e também se identificavam, estabelecendo um diálogo entre produto e consumidor, em quem estava dentro e quem estava fora da tela.

Esta relação, esse diálogo entre a juventude e o conteúdo da cinematografia *hollywoodiana*, torna possível a vivência de experiências que talvez não pudessem ser vividas nos cotidiano. Experiências de um espaço/tempo diferente do habitual, que passam a fazer conexões com a vida cotidiana através da interação entre mídia e público. Ao mesmo passo em que esses conteúdos eram adaptados ao cotidiano dos jovens, estes, no momento da exibição de um filme, eram totalmente arrebatados àquele momento e enredo, ficando totalmente imersos no mundo e arte do cinema.

> Antes, para a maioria dos homens, as coisas, não só as de arte, ficavam sempre longe, porque um modo de relação social lhes fazia parecer distantes. Agora, as massas sentem próximas, com a ajuda das técnicas, até as coisas mais longínquas e mais sagradas. E esse 'sentir', essa experiência, tem um conteúdo de exigências igualitárias que são a energia presente na massa. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 86).

Essa tríade 'conteúdo simbólico-sensações-prática social', continha um ar de novidade, reproduzia a movimentação social que acontecia na época e tornava possível a criação de novos conceitos estéticos e culturais. A juventude passou a se sentir representada pelo cinema e toda a prática que dizia respeito a ele, do conteúdo exibido na tela até a ida a uma vesperal.

Todo esse contexto tem um gosto mais especial, ao perceber que a juventude começou a se entender como tal no mesmo passo em que experimentava essas novas práticas sociais oriundas do cinema, e que o cinema, por sua vez, quebrava os paradigmas do que é arte neste mesmo momento.

Sendo assim, conseguimos perceber a semelhança elementar entre a juventude dos anos 50 e cinema: Uma classe social e um veículo de comunicação que durante o mesmo espaço de tempo rompiam com tradições e elaboravam novos conceitos estéticos e comportamentais, e que caminhavam lado a lado, uma tomando a outra como referência, com a finalidade de justificar seu papel na sociedade.

Esse movimento de mão dupla entre juventude e cinema rompeu com a visão social tradicional, além de configurar o cinema como uma forma de arte que trouxe à tona a revisão dos conceitos do que é arte.

> E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam num violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. Eles se relacionam intimamente com os movimentos de massa, em nossos dias. Seu agente mais poderoso é o cinema. Sua função social não é concebível, mesmo em seus traços mais positivos, e precisamente neles, sem seu lado destrutivo e catártico: a liquidação do valor tradicional do patrimônio da cultura. (BENJAMIN, 1994, p. 169).

Percebe-se neste ponto que a importância do cinema vai além do simples entretenimento. O cinema por muito se assemelhar - até tecnicamente falando - com a própria sociedade moderna, marcada por rupturas, tornou-se o meio representante dela. A sucessão de imagens fragmentadas por segundo, que compunham uma película, assim como o cotidiano das sociedades modernas oferecia uma experiência sensorial, instantânea e arrebatadora, vivida pela sociedade, seja no momento da exibição ou fora das salas de cinema.

A interação entre o cinema hollywoodiano dos anos 50 e os jovens expectadores de Belém, seja dentro da sala de projeção ou fora dela foi muito subjetiva. Cada indivíduo se apropriou do produto comunicacional, interpretou-o e adaptou-o de acordo com a própria realidade social e familiar. A interação da juventude com o cinema passou, então, a fazer parte da rotina destes indivíduos e a influenciar a forma como eles se relacionavam em outros aspectos da vida, seja a respeito de vestuário, comportamento social, relacionamentos etc.

Ao interpretar os conteúdos cinematográficos para a adaptação dos mesmos à própria vida, estes jovens espectadores chegaram a um entendimento sobre o meio em que pertenciam, ao seu espaço e tempo, causando uma ruptura com os comportamentos tradicionais do espaço em que viviam.

A força da ressignificação e apropriação é tão intensa que ultrapassa unicamente as pessoas que tiveram contato direto com aquele produto comunicacional, chegando a outras pessoas por meio do convívio cotidiano. Logo, é possível que pessoas nem tenham tido contado direto com veículos como o cinema, mas tenham tido o seu cotidiano e subjetividade modificados por meio da interação com pessoas que participava ativamente deste processo.

Em geral, interações destes níveis ocorrem entre pessoas com familiaridades comportamentais e culturais, como no caso da juventude de Belém dos anos 50. Esta interação cultural propiciada por meio do cinema contribuiu para a consolidação da

estrutura social da juventude, que dentro de seus espaços próprios, como salas de cinemas, praças e clubes fazia uma troca dos saberes locais com novas culturas e comportamentos, formava opinião e reestruturava a sociedade em que vivia.

O próprio cinema como mídia se relacionava por si só com a juventude, penetrando diferentes culturas e localidades. Mas ele contava também nesta empreitada com outros tentáculos midiáticos a exemplo das revistas especializadas em cinema, comportamento e celebridades.

Por meio deste corpo midiático, esta nova mentalidade jovem se espalhou em áreas urbanas a exemplo de Belém, desterritorializando definitivamente a cultura e constituindo o processo de hibridação cultural, que significa a interseção de diferentes vivências e culturas, seja entre saberes locais, ou locais-globais, resultando na formação de uma cultura híbrida, única, na sua heterogeneidade.

Esta possibilidade real de interagir com a arte e cultura de diferentes países - neste caso em estudo, os Estados Unidos - reconfigurou as estruturas sociais, onde a massa de jovens do Ocidente, a exemplo da juventude de Belém, se apropriou destas novidades e promoveu a adaptação ao cotidiano da cidade. Neste ponto é importante quebrar o mito de que este fluxo cultural americano gerou uma colonização cultural sobre a cidade, em especial a juventude. Como alerta Thompson (1998, p. 42), a recepção deveria ser vista como atividade e não como algo passivo, como um tipo de prática pelas quais os indivíduos percebem e trabalham o material simbólico que recebem. No processo de recepção, os indivíduos usam as formas simbólicas para suas próprias finalidades, em maneiras extremamente variadas e relativamente ocultadas, uma vez que estas práticas não estão circunscritas a lugares particulares.

Este contato com produtos culturais vindos de fora do país poderia supor uma domesticação cultural por parte do público local. Mas o interessante é perceber a maneira como estes produtos - em específico o cinema, foram absorvidos de forma subjetiva e particular. A absorção destes conteúdos, que superficialmente poderia ser considerada uma dominação cultural realizada pelos Estados Unidos, foi na verdade um processo de hegemonização cultural, que se estabeleceu de forma não compulsória.

A despeito da visão apocalíptica de dominação cultural e dos defensores ferrenhos da cultura e tradição regional, percebe-se nos depoimentos dos entrevistados (a seguir) que o público fazia uma leitura subjetiva do cinema, adaptando os valores transmitidos ao seu meio social, caso houvesse identificação do conteúdo com o próprio meio do indivíduo.

Não se pode negar, por outro lado, que havia sim um alinhamento político entre países latino-americanos e os Estados Unidos, construído ainda durante o conflito militar mundial, que facilitava o acesso e a familiaridade com os modelos estéticos e comportamentais exibidos nos filmes *hollywoodianos*. Mas este fator por si só não fora suficiente para justificar a representatividade e afinidade cultural que os jovens belenenses sentiram com estes produtos comunicacionais.

O fato dos Estados Unidos terem facilidade de penetração no espaço brasileiro pela sua influência política e econômica, não fazia deles dominadores culturais. A afinidade que o público belenense podia ter ou não com seus produtos comunicacionais ia para além de motivos políticos e mercadológicos, sendo este "um processo no qual uma classe hegemoniza, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas". (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 116).

Nos anos 50, Brasil e Estados Unidos eram países aliados, com ideologias em comum, e cada um, à sua maneira, vivia o sonho do desenvolvimento. O mesmo sonho de desenvolvimento que surgiu com o fim da Segunda Guerra Mundial, despertou na juventude recém-constituída questionamentos sobre a moral, a estética e a estrutura social, desencadeando a rebeldia dos chamados "Anos Dourados".

Em suma, a introdução da cinematografia americana no ocidente, em especial em Belém, acabou agregando para além do objetivo mercadológico e político inicial a troca entre a cultura local com a cultura global, "atrelando-os[os filmes] à nova sociedade e estimulando o olhar além da própria comunidade" (MOUTINHO, 2007).

As estrelas e gêneros preferidos do público

As estrelas de cinema eram figuras que causavam verdadeiro fascínio no público. Mais que meros protagonistas de filmes, eram eles seres míticos que representavam o ideal de vida e beleza, elegância e vitalidade a ser alcançado pelos admiradores. Frutos da própria indústria cinematográfica, as estrelas dos anos 50 eram um símbolo dos novos padrões sociais, culturais e comportamentais do pós-guerra, e perpetuaram a sua representatividade em figuras de grande apelo popular, como os casos de Marilyn Monroe, James Dean, Marlon Brando, Brigitte Bardot, entre outros.

Por meio das estrelas, a relação entre o cinema *hollywoodiano* e a juventude ganhou contornos muito mais nítidos. Eram as estrelas que personificavam os desejos e ideais do

público, compartilhando a prática de certas condutas, seja nas telas ou na vida pessoal, e tornando-as algo aparentemente próximo da realidade dos fãs.

> As estrelas de cinema, através do paradigma entre sua vida pessoal e os papéis interpretados, geram nos leitores-espectadores mecanismos de projeção e identificação, responsáveis também por uma determinada construção e anseio dos leitores no imaginário seus sonhos. (ADAMATTI, 2008, p. 1).

O comportamento das estrelas *hollywoodianas* nos anos 50 tornou-se um padrão a ser seguido pelo público. Seja em relação à elegância e à maneira de se vestir, ou mesmo a postura em relação à sociedade ou relacionamentos pessoais, o perfil das estrelas despertava a atenção e os desejos dos jovens, contribuindo na construção do imaginário deles.

Por mais excêntricos que às vezes pudessem ser, o comportamento das estrelas representavam o novo, o diferente em meio a sociedade tradicional. A beleza, *glamour* e ousadia das estrelas *hollywoodianas* atribuiu a elas uma aura quase que sagrada para seus admiradores, construída e mantida pela indústria cinematográfica. Embora o pedestal em que elas foram postas tornassem-nas inacessíveis, o perfil das estrelas trazia aos fãs a sensação de que isto era um ideal possível de vida.

> As características das estrelas eram escolhidas a partir de um imaginário favorável às estrelas de cinema, sintonizando com as demandas sociais da sociedade. No geral, não se devia contrariar a regra vigente ainda na década de 50: A estrela devia ser boa, acima dos mortais. (ADAMATTI, 2008, p. 1).

Seja pelas interpretações nas telas e fora delas, as estrelas de Hollywood despertavam curiosidade, causavam a sensação de proximidade com o público, ávido em saber cada vez mais sobre o seu ator/atriz preferido e, porque não, viver estórias parecidas com as deles. Nos próprios filmes, por meio de veículos especializados, a exemplo de revistas e jornais, a presença das estrelas de cinema era uma realidade no cotidiano de jovens belenenses, que deixaram sonhar e apaixonar ao acompanhar a vida e carreira dos ídolos. As revistas brasileiras sobre as estrelas hollywoodianas como “Cinelândia”, “Cinemascope”, “Filmelândia” e “Cena Muda” foram fundamentais para fortificar a relação entre os jovens de Belém com o cinema americano e seus astros.

Raimunda Amoras conta que além de publicar notícias sobre os bastidores dos filmes e a vida dos artistas, as revistas especializadas em cinema publicavam matérias

especiais sobre filmes que ainda iam chegar no país, usando frequentemente o recurso de *storyboard*[5].

> As revistas, as revistas todinhas, quando eles lançavam um filme, eles jogavam primeiro na revista. Quando a revista vinha pra gente e a gente lia, depois de cinco, seis meses é que passava o filme. As revistas Filmelândia, Cinemascope, Cinelândia. Todas essas revistas que exisitiram, que falava em filmes, eu comprava. Todo o mês eu comprava duas ou três revistas pra ler, então eu sempre estava muito por dentro dos filmes, tudo sobre filmes e da vida dos artistas. (RAIMUNDA, 2012).

Assim como Raimunda, Cláudio Barradas, também um grande admirador das estrelas cinematográficas, encontrava nas revistas especializadas em celebridades uma forma de ficar mais próximo dos ídolos dele e ficar melhor informado sobre as novidades de Hollywood.

> Ih! Eu tive grandes... Betty Davis..., apesar de feiosa, era uma grande atriz. Eu gostava muito de Betty Davis, Julianne Crawford, Joan Fontaine. A minha mãe comprava uma revista semanal, Vida Doméstica; na última página era sempre uma atriz de cinema. Eu recortava, tinha um álbum de atrizes de cinema, assim como eu comprava uma revista semanal "Cena Muda", uma revista de cinema. Então, eu estava por dentro do cinema e todas as atrizes. (CLÁUDIO, 2012).

Elizabeth Taylor, Rock Hudson, Marilyn Monroe e Cark Gable, eram alguns dos artistas que eram notícias na época e admirados por muitos jovens, entre eles Raimunda Amoras. Mas ela não esconde que sua maior paixão foi por James Dean. Ela conta que tinha uma grande identificação com a personalidade controversa do protagonista de 'Juventude Transviada':

> O James Dean era o meu ator preferido porque ele faz parte da minha juventude também. Morreu muito cedo, sofreu um acidente, morreu muito jovem, parece, se não em engano, morreu com 26, 27 anos, por aí. Eu me identificava porque eu acho que ele era uma pessoa incompreendida. Ele era um jovem rebelde, mas que tinha também problema de família, a família dele também era problemática, e talvez ele não tenha tido tanto afeto na vida. Então, por isso ele era uma pessoa tão rebelde, ele era incompreendido; mas ele também tinha a parte melancólica dele, era uma pessoa profundamente melancólica, era triste. Eu acho que ele já mostrava indícios de que não ia viver muito. (RAIMUNDA, 2012).

[5] *Storyboard* é uma série de ilustrações ou imagens organizadas em sequência com o objetivo de pré-visualizar uma animação ou filme.

Se o perfil comportamental das Estrelas, seja dentro ou fora das telas, era um atrativo ao público, o *sex appeal* também mexia com a imaginação dos jovens dos anos 50, e era responsável por fortes atrações, como conta Claudio Barradas ao lembrar Brigitte Bardot. "A Brigitte Bardot tá uma velha horrorosa, mas era uma mulher muito erótica, né? Os lábios carnudos, eu gosto de lábios carnudos; gente de lábios finos não dá pra beijar, além do que, dizem que é muito fria e falsa!" (Cláudio, 2012).

Beleza, *glamour*, personalidade. As estrelas de Hollywood traziam na essência componente infalíveis de atração. Soma-se a isso os *scripts* e gêneros cinematográficos que delimitavam o perfil destes artistas e a aproximação deles com o público. Por meio de narrativas que destacavam as novas tendências comportamentais, as produções *hollywoodianas* dos anos 50 cumpriram um papel maior do que a mera distração, tornando-se um veículo de tendências por muitas vezes mais representativos para a juventude belenense que as próprias produções nacionais.

Do *western* ao melodrama; da comédia aos filmes de guerra, havia películas para quase todos os gostos, suprindo, além do mercado, os mais variados segmentos sociais. Segundo Barradas, era possível delimitar uma tendência natural das moças com as narrações dramáticas e românticas, e dos rapazes com os célebres filmes de pancadaria. Afirmação essa confirmada por Raimunda Amoras:

> Eu gostava muito de filme de romance, filme de guerra também eu gostava, filmes que tinham assim, sentido pra gente assistir. Esse filme, 'E o Vento Levou', eu assisti várias vezes, era um filme antigo, de guerra. Vi também 'Por quem os Sinos Dobram' né? E tem atores que eu já não me lembro, Ingrid Bergman. 'A ponte do Rio Kwai' já foi na década de 50. (RAIMUNDA, 2012).

Já Maria Agostina conta que tinha preferência por filmes mais descontraídos:

> Gostava mais de comédia, de me divertir, de rir. De filme de guerra eu nunca gostei, mesmo até hoje eu não gosto de ver na televisão. Quando eu ligo a tv, ah! vai passar tal filme, eu fico com medo. Não gostava de ver guerra, agarramento de mulher com homem, não presta, não presta! (MARIA, 2012).

Para além do gosto pessoal e dos gêneros cinematográficos, o importante é perceber como a cinematografia *hollywoodiana* marcou a juventude de Belém dos anos 50 e teve a parte de sua narrativa incorporada no cotidiano deles, como destaca Pedro Veriano.

> Esses filmes todos marcaram o pessoal, principalmente as meninas da época. Foi marcante o sem destino, o próprio selvagem, esses filmes de cabo espada, chamado histórico, que era pseudo religioso, Ben Hur, a chanchada, os ritos e as piadas, todos eram absorvidos e viravam populares. (PEDRO, 2012).

Seja em filmes de amor ou de guerra, o cinema *hollywoodiano* tinha uma importância no cotidiano dessas pessoas, oportunizando o contato e a participação na reconfiguração social e cultural, a possibilidade dos espectadores vivenciarem algumas situações, nem que fossem apenas na tela. Esta seria uma espécie de catarse assim apontada por Claudio Barradas (2012) em relação aos filmes de violência exibidos na época:

> De um modo geral, o público do sexo masculino gostava de filme de pancadaria, de crime. E um exemplo nesse tempo que eu era observador e fui ver na primeira sessão da tarde, do depois Nazaré, o Poeira, aqueles que são magérrimos, esqueléticos, e quando acontece no filme, no cinema acontece alguma coisa, essa é a importância, uma das importâncias do cinema, que se chama a catarse. É uma palavra grega que quer dizer a satisfação indireta do que você não deve e não pode fazer. Naquele momento eu ponho pra fora o bandido que existe em mim; ai saiu... (CLÁUDIO, 2012).

Se alguns botavam para fora o 'bandido que havia neles' apenas no momento do filme, outros adaptavam aquelas novas tendências e valores ao cotidiano de acordo com a subjetividade, seja por meio das roupas ou relacionamentos amorosos, sociais e familiares. Cada jovem à sua maneira encontrava na narrativa do cinema *hollywoodiano* elementos de identificação e a reconfiguravam de acordo com a realidade social. Para Raimunda Amoras, era inevitável desejar viver uma 'história de cinema':

> Às vezes dava vontade da gente viver essas coisas. Eu gostava muito porque tinha muito enredo, muita coisa pra gente ver, muita coisa que fazia sentido pra gente. Era uma coisa que a gente se tivesse como tomar, se a gente pudesse viver isso, do que estava acontecendo com a pessoa... Eram filmes que faziam sentido da gente ver. (RAIMUNDA, 2012).

É neste momento que os limites entre realidade e ficção são quebrados, atribuindo aos jovens o título de protagonistas do seu tempo. Nem que fosse através da tela de cinema, a mocinha de Belém poderia sentir a emoção de um beijo roubado, ou o rapaz, a adrenalina de uma corrida de carro ou um tiroteio digno dos filmes de '*bang-bang*'. Para Maria Agostina, por exemplo, muitas coisas seriam impossíveis de serem vistas e vividas se não fossem por meio do cinema. "Aquelas artes que eles faziam, aquelas conversas deles,

aquelas danças que eles faziam..., aquilo não seria possível na vida real. Era muita coisa. Não dava pra fazer na vida real". (Maria, 2012).

Nos depoimentos dos entrevistados acerca das estrelas *hollywoodianas* e dos gêneros cinematográficos, percebe-se que o cinema dos anos 50 criou histórias e fabricou mitos e ídolos em aliança com os espectadores. Ao alimentar o fetiche e *glamour* em torno das estrelas, veicular histórias com situações semelhantes ao cotidiano e fantasias que o público desejava experimentar, o cinema atraiu mais admiradores, causando grande identificação e mesmo aproximação com personagens e valores até então fisicamente distantes da realidade belenense. "Pela mágica do cinema o mundo fica maior, nossos limites se expandem e nos tornamos mais do que humanos" (LÁZARO, 1998, p. 159).

É a partir desses anseios, do que é próximo à realidade ou do que gostaria de ser vivido, identificados pelo cinema - que se tornou uma espécie de porta-voz da juventude e dos novos costumes -, que a relação entre a juventude e cinema se estabelece, alimentada por um movimento cíclico, onde ao mesmo passo em que o cinema se valia de novo jeito de ser jovem, este o tinha como uma referência no que dizia respeito a comportamento, moda, lazer, entre outros.

Inspirados nas tramas, personagens e estrelas *hollywoodianas*, jovens como Cláudio Barradas, Raimunda Amoras, Maria Agostina e Pedro Veriano adaptaram as referências a que tiveram contato ao próprio meio social, de acordo com a subjetividade de cada um. Além de participarem frente à tela de situações às vezes improváveis de serem vividas na vida real, estes jovens levaram para o seu meio social e para as ruas da cidade uma nova cultura, um híbrido da cultura tradicional local com as novas tendências comportamentais e culturais do Ocidente Pós-Guerra.

REFERÊNCIAS

ADAMATTI, M. M. *As estrelas e o parâmetro de comportamento feminino na revista de fãs.* Anais do XIX Encontro Regional de História: poder, violência e exclusão. São Paulo, 2008.

AMORAS, Raimunda. Belém: 29 ago. 2012. Entrevista concedida a Bianca Costa Levy.

BARBERO, J. *Dos meios às Mediações* - Comunicação, Cultura e Hegemonia. São Paulo : Editora UFRJ, 2003.

BARRADAS, Cláudio de Souza. Belém: 23 ago. 2012. Entrevista concedida a Bianca Costa Levy.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica.* In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo : Brasiliense, 1994.

BRITO, R. S. *Mídia, Construção do imaginário moderno e Identidade no Brasil.* In: Congresso Anual da Intercom, 2005, Núcleo de Pesquisa - Comunicação e Culturas Urbanas. 2005.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas, poderes oblíquos*. In: *Culturas Híbridas* - estratégias para entrar e sair da Modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

Cine Olímpia100 anos- História. Disponível em: http://www.cinemaolympia.com.br/historia.html. Data de acesso: 27/11/2012.

MENEGUELLO, C. *Poeira de Estrelas. O Cinema Hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Dissertação de Mestrado em História Social do Trabalho, Cultura e Cidades. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 1992.

MOUTINHO, M. *As lentes cinematográficas da modernidade.* Disponível em: http://www.marcelomoutinho.com.br/resenhas/2007/03/o_cinema_e_a_invencao_da_vida.php. Data de acesso: 03/09/2012.

ORTIZ, R. *Mundialização e Cultura.* São Paulo : Brasiliense, 1994.

RODRIGUES, Maria Agostina Oliveira. Belém: 07 ago. 2012. Entrevista concedida a Bianca Costa Levy.

SARGES, M. *Belém- Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912).* Belém. Paka-Tatu, 2002.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia.* Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

VERIANO, P. *Cinema no Tucupi.* Pará : Secult, 1997.

VERIANO, Pedro. Belém: 11 ago. 2012. Entrevista concedida a Bianca Costa Levy.